

Juventude, tempo e movimentos sociais

Alberto Melucci

Universidade degli Studi di Milano

Tradução de Angelina Teixeira Peralva

Publicado em: Revista Young. Estocolmo: v. 4, nº 2, 1996, p. 3-14.

As atuais tendências emergentes no âmbito da cultura e da ação juvenil têm que ser entendidas a partir de uma perspectiva macro-sociológica e, simultaneamente, através da consideração de experiências individuais na vida diária. Neste ensaio, tentarei integrar esses dois níveis de análise e proporei que:

1) conflitos e movimentos sociais em sociedades complexas mudam do plano material para o plano simbólico;

2) a experiência do tempo é um problema central, um dilema central;

3) pessoas jovens, e particularmente adolescentes, são atores-chaves do ponto de vista da questão do tempo em sociedades complexas.

Da ação efetiva ao desafio simbólico

Vivemos em uma sociedade que concebe a si mesma como construída pela ação humana. Em sistemas contemporâneos, a produção material é transformada em produção de signos e de relações sociais. Uma codificação socialmente produzida intervém

na definição do eu, afetando as estruturas biológica e motivacional da ação humana. Ao mesmo tempo, existe uma crescente possibilidade, para os atores sociais, de controlarem as condições de formação e as orientações de suas ações. A experiência é cada vez mais construída por meio de investimentos cognitivos, culturais e materiais. Tais processos, de caráter sistêmico, são diretamente vinculados às transformações, pela produção de recursos que tornam possível a sistemas de informação de alta densidade manterem-se e modificarem-se.

A tarefa não é somente da ordem da dominação da natureza e da transformação de matéria-prima em mercadoria, mas sim do desenvolvimento da capacidade reflexiva do eu de produzir informação, comunicação, sociabilidade, com um aumento progressivo na intervenção do sistema na sua própria ação e na maneira de percebê-la e representá-la. Podemos mesmo falar de produção da reprodução.

Tome-se o exemplo dos processos de socialização: o que foi considerado no passado como transmissão básica de regras e valores da sociedade é

agora visto como possibilidade de redefinição e invenção das capacidades “formais” de aprendizado, habilidades cognitivas, criatividade. Do ponto de vista do planejamento demográfico e da biogenética o que era considerado reprodução de aspectos naturais de um sistema tornou-se um campo de intervenção social. A ciência desenvolve a capacidade auto reflexiva de modificação da “natureza interna”, das raízes biológicas, cognitivas e motivacionais da ação humana.

Isto revela os dois lados da mudança na nossa sociedade. Por um lado, existe um aumento da capacidade social de ação e de intervenção na ação enquanto tal, nas suas pré-condições e raízes; e por outro, a produção de significados está marcada pela necessidade de controle e regulação sistêmica.

Os indivíduos percebem uma extensão do potencial de ação orientada e significativa de que dispõem, mas também se dão conta de que tal possibilidade lhes escapa, graças a uma regulação capilar de suas capacidades de ação, que afeta suas raízes motivacionais e suas formas de comunicação. Os sistemas complexos nos quais vivemos constituem redes de informação de alta densidade e têm que contar com um certo grau de autonomia de seus elementos. Sem o desenvolvimento das capacidades formais de aprender e agir (aprendendo a aprender), indivíduos e grupos não poderiam funcionar como terminais de redes de informação, as quais têm que ser confiáveis e capazes de auto-regulação. Ao mesmo tempo, seja como for, uma diferenciação pronunciada demanda maior integração e intensificação do controle, que se desloca do conteúdo para o código, do comportamento para a pré-condição da ação.

O que eu quero dizer é que sociedade não é a tradução monolítica de um poder dominante e de regras culturais na vida das pessoas, ela lembra um campo interdependente constituído por conflitos e continuamente preenchido por significados culturais opostos. Os conflitos se desenvolvem naquelas áreas do sistema mais diretamente expostas aos maiores investimentos simbólicos e informacionais, ao mesmo tempo sujeitas às maiores pressões por

conformidade. Os atores nesses conflitos são aqueles grupos sociais mais diretamente expostos aos processos que indiquei; eles são cada vez mais temporários e sua ação serve de indicador, como se fosse uma mensagem enviada à sociedade, a respeito de seus problemas cruciais.

A maneira pela qual os conflitos se expressam não é, de qualquer forma, a da ação ‘efetiva’. Desafios manifestam-se através de uma reversão de códigos culturais, tendo então basicamente um “caráter formal”. Nos sistemas contemporâneos os signos tornaram-se intercambiáveis: o poder apoia-se de forma crescente nos códigos que regulam o fluxo de informação. A ação coletiva de tipo antagonista é uma *forma*, a qual, pela sua própria existência, com seus próprios modelos de organização e expressão, transmite uma mensagem para o resto da sociedade. Os objetivos instrumentais típicos de ação política não desaparecem, mas tornam-se pontuais, e em certa medida, substituíveis. Eu chamo essas formas de ação desafios simbólicos. Elas afetam as instituições políticas, porque modernizam a cultura e a organização dessas instituições, e influenciam a seleção de novas elites. Mas ao mesmo tempo levantam questões obscurecidas pela lógica dominante da eficiência. Trata-se de uma lógica de meios: requer aplicação e operacionalização de decisões tomadas em nível de aparelhos anônimos e impessoais. Mais uma vez os atores através dos conflitos colocam na ordem do dia a questão dos fins e do significado.

Mas pode-se continuar a falar de “movimentos” quando a ação se refere a significados, a desafios face aos códigos dominantes que dão forma à experiência humana? Mais apropriado seria falar de redes conflituosas que são formas de produção cultural.

Experiência de tempo

Em uma sociedade que está quase que inteiramente construída por nossos investimentos culturais simbólicos, tempo é uma das categorias básicas através da qual nós construímos nossa experiên-

cia. Hoje, o tempo se torna uma questão-chave nos conflitos sociais e na mudança social. A juventude que se situa, biológica e culturalmente, em uma íntima relação com o tempo, representa um ator crucial, interpretando e traduzindo para o resto da sociedade um dos seus dilemas conflituais básicos.

Vimos de um modelo de sociedade, o capitalismo industrial, no qual o tempo era considerado em termos de duas referências fundamentais. A primeira é a máquina. O tempo que a sociedade moderna conhece é medido por máquinas: relógios são máquinas por excelência. A máquina cria uma nova dimensão do tempo: não mais “natural” (isto é, marcado somente pelos ciclos do dia e noite, as estações, nascimento e morte) e não mais “subjetivo” (isto é, ligado à percepção e experiência dos atores humanos). O tempo da máquina é um produto artificial que tem a objetividade de uma coisa. É também uma medida universal que permite comparação e troca de desempenhos e recompensas, através do dinheiro e do mercado. Tempo é uma medida de quantidade: nos ritmos diários de trabalho como nos balancetes anuais das empresas. Aliás, em qualquer cálculo pautado na racionalidade instrumental, a máquina estabelece uma continuidade entre tempo individual e tempo social.

A segunda característica da experiência moderna de tempo é uma orientação finalista: tempo tem direção e o seu significado só se torna inteligível a partir de um ponto final, o fim da história. A própria idéia de um curso da história, a ênfase com que a sociedade industrial tratou a história, deriva de um modelo de tempo que pressupõe uma orientação para um fim: progresso, revolução, riqueza das nações ou a salvação da humanidade (um tempo linear que se move em direção a um fim é a última herança dessacralizada de um tempo cristão). Existe então uma unidade e uma orientação linear do tempo; e o que ocorre nele, o que o indivíduo experimenta, adquire sentido em relação ao ponto final: todas as passagens intermediárias são medidas em relação com o final do tempo.

Na situação presente, podemos perceber nossa distância com respeito a esse modelo porque a

diferenciação das nossas experiências do tempo está aumentando. Os tempos que nós experimentamos são muito diferentes uns dos outros e às vezes parecem até opostos. Há tempos muito difíceis de medir — tempos diluídos e tempos extremamente concentrados. Pense na multiplicidade de tempos que imagens (televisão, gráficos, propaganda) introduzem na nossa vida diária. Isto também significa separações, interrupções mais definidas que no passado — muito mais perceptíveis do que em estruturas sociais relativamente homogêneas — entre os diferentes tempos em que nós vivemos.

Existe particularmente uma clara separação entre tempos interiores (tempos que cada indivíduo vive sua experiência interna, afeições, emoções) e tempos exteriores marcados por ritmos diferentes e regulado pelas múltiplas esferas de pertencimento de cada indivíduo. A presença dessas diferentes experiências temporais não é novidade, mas certamente em uma sociedade rural ou mesmo na sociedade industrial do século XIX, existiu uma certa integração, uma certa proximidade entre experiências subjetivas e tempos sociais, e entre os vários níveis dos tempos sociais. Em sistemas mais altamente diferenciados, a descontinuidade tornou-se uma experiência comum.

Tais mudanças refletem tendências amplas no sentido de uma extensão artificial das dimensões subjetivas do tempo por meio de estímulos particulares ou de situações construídas. Uma experiência comum de dilatação forçada do tempo interno é produzida por drogas. Drogas ocupam um lugar importante em sociedades tradicionais, mas nos limites de uma ordem que lhes atribui uma função específica. Não há separação entre a droga ritual dos índios americanos e seu papel na vida social e na vida interior dos indivíduos. Essa “fratura” ritual permitida, essa dilatação do tempo subjetivo induzida pela droga, é parte de uma ordem sagrada e contribui para a reafirmação de um equilíbrio entre a vida social e o espaço assegurado ao indivíduo no grupo.

Nas nossas sociedades, no entanto, o extremo exemplo das drogas representa um sinal dramáti-

co, o mais significativo e ambíguo sintoma de diferença entre tempo externo e tempo interno. Mas existe também, embora em uma escala menos dramática, um aumento de oportunidades artificialmente construídas para viver e experimentar emoções livres dos limites do tempo social: desde o turismo exótico ou experiências de “liberação” do corpo até os paraísos totalitários das seitas neomísticas. A ambivalência desses fenômenos deve ser sublinhada. Eles são sinais de uma tensão não resolvida entre os múltiplos tempos da experiência cotidiana.

A diferenciação do tempo produz alguns problemas novos. Aumenta, em primeiro lugar, a dificuldade em reduzir tempos diferentes para a homogeneidade de uma medida geral. Mas existe também uma acentuação da necessidade de integrar essas diferenças, tanto em um nível coletivo, quanto, acima de tudo, dentro da unidade de uma biografia individual e de um “sujeito” da ação dotado de identidade (Melucci, 1996a; Csikzentmihalyi, 1988 e 1991).

Além disso, um tempo diferenciado é cada vez mais um tempo sem uma história, ou melhor, um tempo de muitas histórias relativamente independentes. Então é também um tempo sem um final definitivo, o que faz do presente uma medida inesquivável do significado da experiência de cada um de nós. Por último, um tempo múltiplo e descontínuo indubitavelmente revela seu caráter ‘construído’ de produto cultural. A fábrica industrial já cancelou o ciclo natural de dia e noite. Agora todos os outros tempos da natureza estão perdendo sua consistência. A experiência das estações se dissolve nas mesas de nossas salas de jantar, onde a comida perde qualquer referência a ciclos sazonais, ou em nossas férias, que nos oferecem um sol tropical ou neve durante todo o ano. Até o nascimento ou a morte, eventos por excelência do tempo natural estão perdendo sua natureza de necessidade biológica, tornando-se produtos de intervenção médica e social.

A definição de tempo torna-se uma questão social, um campo cultural e conflitivo no qual está em jogo o próprio significado da experiência tem-

poral. Como medir o tempo? Quando será encontrado o significado ‘certo’ para o tempo individual e coletivo? Como podemos preservar nosso passado e preparar o nosso futuro em sociedades complexas? Tais questões sem respostas são alguns dos dilemas básicos com os quais se confronta a vida humana em sociedades complexas.

A juventude, por causa de suas condições culturais e biológicas, é o grupo social mais diretamente exposto a estes dilemas, o grupo que os torna visíveis para a sociedade como um todo.

Adolescência e tempo

Adolescência é a idade na vida em que se começa a enfrentar o tempo como uma dimensão significativa e contraditória da identidade. A adolescência, na qual a infância é deixada para trás e os primeiros passos são dados em direção à fase adulta, inaugura a juventude e constitui sua fase inicial. Esta elementar observação é suficiente para ilustrar o entrelaçamento de planos temporais e a importância da dimensão do tempo nesta fase da vida (Levinson, 1978; Coleman, 1987; Hopkins, 1983; Montagnar, 1983; Savin Williams, 1987; Schave, 1989). Não há dúvida que, se a experiência do envelhecimento está sempre relacionada com o tempo, é durante a adolescência que essa relação se torna consciente e assume conotações emocionais. Pesquisas psicológicas e psico-sociológicas têm tido uma atenção toda especial durante os últimos anos para com a perspectiva temporal do adolescente (Tromsdorff et al., 1979; Palmonari, 1979; Nuttin, 1980; Ricolfi & Sciolla, 1980 e 1990; Offer, 1981 e 1988; Cavalli, 1985; Ricci Bitti et al., 1985; Antrilla, 1988; Fabbrini & Melucci, 1991).

Uma análise em termos de perspectiva temporal considera o tempo como um horizonte no qual o indivíduo ordena suas escolhas e comportamento, construindo um complexo de pontos de referência para suas ações. A maneira como a experiência do tempo é vivenciada vai depender de fatores cognitivos, emocionais e motivacionais os quais governam o modo como o indivíduo organiza o seu “es-

tar na terra”. Nesse sentido, atitudes relacionadas com várias fases temporais podem ser levadas em consideração (ex. satisfação ou frustração, abertura ou fechamento com respeito ao passado, presente ou futuro); ou a direção que cada pessoa atribui para a sua própria experiência do tempo (ex. preferência por uma orientação direcionada para uma ou outras fases temporais); ou o grau de extensão assumido pelo horizonte temporal para cada indivíduo (ex. perspectiva ampla ou limitada, contínua ou fragmentada). A organização de eventos e sua seqüência, a relação entre eventos externos e internos, o grau de investimento emocional em várias situações — tudo se torna meio de organizar a própria biografia e definir a própria identidade.

A perspectiva temporal do adolescente tornou-se um tema interessante de pesquisa, porque a biografia dos dias de hoje tornou-se menos previsível, e os projetos de vida passaram mais do que nunca a depender da escolha autônoma do indivíduo. Nas sociedades do passado, a incerteza quanto ao futuro podia ser o resultado de eventos aleatórios e incontroláveis (epidemia, guerra, colapso econômico), mas raramente envolvia a posição de cada um na vida, a qual era determinada pelo nascimento e se tornava previsível pela história da família e o contexto social. Para o adolescente moderno, por outro lado, a relativa incerteza da idade é multiplicada por outros tipos de incerteza que derivam simplesmente dessa ampliação de perspectivas: a disponibilidade de possibilidades sociais, a variedade de cenários nos quais as escolhas podem ser situadas.

A pesquisa indica várias tendências. A adolescência é a idade em que a orientação para o futuro prevalece e o futuro é percebido como apresentando um maior número de possibilidades. Uma perspectiva temporal aberta corresponde a uma forte orientação para a auto-realização, resistência contra qualquer determinação externa dos projetos de vida e desejo de uma certa variabilidade e reversibilidade de escolha. Em comparação com o passado, a tendência aponta no sentido de uma redução dos limites da memória e de se considerar o passado como um fator limitativo, acima de tudo.

Tais resultados de pesquisas sugeririam que a perspectiva temporal do adolescente constitui um ponto de observação favorável para o estudo da maneira pela qual nossa cultura está organizando a experiência do tempo. Na sociedade contemporânea, de fato, a juventude não é mais somente uma condição biológica mas uma definição cultural. Incerteza, mobilidade, transitoriedade, abertura para mudança todos os atributos tradicionais da adolescência como fase de transição, parecem ter se deslocado bem além dos limites biológicos para tornarem-se conotações culturais de amplo significado que os indivíduos assumem como parte de sua personalidade em muitos estágios da vida (Mitterauer, 1986; Ziehe, 1991). Nesse sentido, a adolescência parece estender-se acima das definições em termos de idade e começa a coincidir com a suspensão de um compromisso estável, com um tipo de aproximação nômade em relação ao tempo, espaço e cultura. Estilos de roupas, gêneros musicais, participação em grupos, funcionam como linguagens temporárias e provisórias com as quais o indivíduo se identifica e manda sinais de reconhecimento para outros.

Na opinião que prevalece nos dias de hoje, ser jovem parece significar plenitude como o oposto de vazio, possibilidades amplas, saturação de presença. A vida social é hoje dividida em múltiplas zonas de experiência, cada qual caracterizada por formas específicas de relacionamento, linguagem e regras. Complexidade e diferenciação parecem abrir o campo do possível a tal ponto que a capacidade individual para empreender ações não se mostra à altura das potencialidades da situação. Esse excesso de possibilidades, que nossa cultura engendra, amplia o limite do imaginário e incorpora ao horizonte simbólico regiões inteiras de experiência que foram previamente determinadas por fatores biológicos, físicos ou materiais. Nesse sentido, a experiência é cada vez menos uma realidade transmitida e cada vez mais uma realidade construída com representações e relacionamentos: menos algo para se “ter” e mais algo para se “fazer”.

O adolescente percebe os efeitos dessa ampliação de possibilidades da maneira mais direta atra-

vés de uma expansão dos campos cognitivo e emocional (tudo pode ser conhecido, tudo pode ser tentado); a reversibilidade de escolhas e decisões (tudo se pode mudar); a substituição de constructos simbólicos pelo conteúdo material da experiência (tudo pode ser imaginado).

O que acontece com a experiência? Ultrapassada e invadida pelo apelo simbólico da possibilidade, ela ameaça se perder em um presente ilimitado, sem raízes, devido à uma memória pobre, com pouca esperança para o futuro como todos os produtos do desencanto. A experiência se dissolve no imaginário, mas o teste de realidade, na sua dureza, produz frustração, tédio e perda de motivação.

Os novos sofrimentos, as novas patologias dos adolescentes, estão relacionadas com o risco de uma dissolução da perspectiva temporal (Laufer, 1975; Copley, 1976; Selvini Palazzoli, 1984; Lawton, 1985; Meredith, 1986; Noonan, 1989). Presenças como a capacidade de atribuir sentido às próprias ações e de povoar o horizonte temporal com conexões entre tempos e planos de experiências diferentes, são frágeis e pouco sólidas. Exatamente ali onde a abundância, a plenitude e capacidade de realização parecem reinar, nós nos deparamos com o vazio, a repetição e a perda do senso de realidade. Um tempo de possibilidades excessivas torna-se possibilidade sem tempo, isto é, simplesmente um mero fantasma da duração, uma chance fantasma. O tempo pode se tornar um invólucro vazio, uma espera sem fim por Godot.

Na experiência dos adolescentes de hoje, a necessidade de testar limites tornou-se uma condição de sobrevivência do sentido. Sem atingir-se o limite não pode haver experiência ou comunicação; sem a consciência da perda da existência do outro, como dimensões que compõem o estar-na-terra, não pode haver ação dotada de significado ou possibilidade de manter uma relação com outros.

Consciência do limite, o cansaço produzido pelo esforço para ultrapassá-lo, a percepção do que está faltando — sentido de perda — criam raízes para que se presencie como algo possível a aceitação do presente e o planejamento do futuro: como responsabilidade para consigo mesmo e para com

outros, como reconhecimento daquilo que fomos e do que podemos nos tornar. Para os adolescentes de hoje a experiência de tempo como possibilidade, mas também como limitação, é uma maneira de salvaguardar a continuidade e a duração; uma maneira de evitar que o tempo seja destruído em uma seqüência fragmentada de pontos, uma soma de momentos sem tempo.

Continuidade através da mudança

Está agora claro que a maneira pela qual os adolescentes constroem sua experiência é mais e mais fragmentada. Adolescentes pertencem a uma pluralidade de redes e de grupos. Entrar e sair dessas diferentes formas de participação é mais rápido e mais freqüente do que antes e a quantidade de tempo que os adolescentes investem em cada uma delas é reduzida. A quantidade de informação que eles mandam e recebem está crescendo em um ritmo sem precedentes. Os meios de comunicação, o ambiente educacional ou de trabalho, relações interpessoais, lazer e tempo de consumo geram mensagens para os indivíduos que por sua vez são chamados a recebê-las e a respondê-las com outras mensagens. O passo da mudança, a pluralidade das participações, a abundância de possibilidades e mensagens oferecidas aos adolescentes contribuem todos para debilitar os pontos de referência sobre os quais a identidade era tradicionalmente construída. A possibilidade de definir uma biografia contínua torna-se cada vez mais incerta.

Nesse sentido, o significado do presente não se encontra no passado, nem em um destino final da história; o tempo perde sua finalidade linear e a catástrofe (nuclear, ecológica) torna-se uma possibilidade. Mas esta des-linearização do tempo revela a singularidade da experiência individual. O tempo individual e cada momento dentro dele não se repete nunca. Não somente ele não retorna em um ciclo repetitivo sem fim, mas tampouco será portador de outro sentido, outra finalidade senão aquela que os indivíduos e grupos são capazes de produzir para si mesmos.

Nomadismo e metamorfose parecem constituir respostas para essa necessidade de continuidade através da mudança. A unidade e continuidade da experiência individual não pode ser encontradas em uma identificação fixa com um modelo, grupo ou cultura definidos. Deve ao invés disto ser baseado na capacidade interior de “mudar a forma” de redefinir-se a si mesmo repetidas vezes no presente, revertendo decisões e escolhas. Isso também significa acalentar o presente como experiência única, que não pode ser reproduzida, e no interior da qual cada um se realiza.

Desafiando a definição dominante de tempo

Para lidar com tantas flutuações e metamorfoses, os adolescentes sentem que a identidade deve ser enraizada no presente. Eles devem ser capazes de abrir e fechar seus canais de comunicação com o mundo exterior para manter vivos seus relacionamentos, sem serem engolidos por uma vasta quantidade de signos. Ainda mais, para abraçar um campo amplo de experiências que não pode ser confinado dentro dos rígidos limites de um pensamento racional, eles precisam de novas capacidades para contatos imediatos e intuitivos com a realidade. Essas exigências alteram os limites entre dentro e fora e apontam para a necessidade de uma maior consciência de si mesmo e responsabilidade para um contato mais estreito com a experiência íntima de cada um.

Novamente, como a cadeia de possibilidades torna-se muito ampla comparada com oportunidades atuais de ação e experiência, o questionamento sobre limites torna-se um problema fundamental para os adolescentes de hoje. Considerando o declínio dos ritos de passagem que outrora marcavam os limites entre infância e vida adulta (Van Genep, 1981; Kett, 1977) e sendo exposto a um novo relacionamento com os adultos (McCormack, 1985; Herbert, 1987) eles próprios expostos a uma pressão crescente da mudança, a juventude contemporânea tem que encontrar novos caminhos para vivenciar a experiência fundamental dos limites. A

definição e o reconhecimento de limites pessoais e externos é a chave para se mover em qualquer direção: através da comunicação com o exterior e conformidade com as regras do tempo social ou através de uma voz interna que fala com cada pessoa em sua linguagem secreta. Somente assim um ciclo de abertura e fechamento pode ser estabelecido, através de uma oscilação permanente entre os dois níveis de experiência. Tais passagens marcam a evolução dinâmica, as metamorfoses da vida pessoal.

Aprendendo como empreender estas passagens — um problema de escolha, incerteza e risco — os adolescentes reativam no resto da sociedade a memória da experiência humana dos limites e da liberdade. Eles vivem para todos como receptores sensíveis e perceptivos da cultura contemporânea, os dilemas do tempo em uma sociedade complexa: o tempo como medida de mudança para nossas sociedades que necessitam prever e controlar seu desenvolvimento; o tempo como definição pontual da identidade individual e coletiva; o tempo como uma flecha linear ou como campo de experiência reversível e multidirecional. Desafiando a definição dominante do tempo, os adolescentes anunciam para o resto da sociedade que outras dimensões da experiência humana são possíveis. E fazendo isto, eles apelam à sociedade adulta para a sua responsabilidade: a de reconhecer o tempo como uma construção social e de tornar visível o poder social exercido sobre o tempo.

Tornar o poder visível é a mais importante tarefa na ordem dos conflitos em nossa sociedade. Revertendo a definição adulta do tempo, os adolescentes simbolicamente contestam as variáveis dominantes de organização do tempo na sociedade. Eles revelam o poder escondido atrás da neutralidade técnica da regulação temporal da sociedade.

Ação comunicativa

O antagonismo dos movimentos juvenis é eminentemente comunicativo do ponto de vista de sua natureza (Melucci, 1989, 1996b). Nos últimos trinta anos a juventude tem sido um dos atores centrais

em diferentes ondas de mobilização coletiva: refiro-me a formas de ação inteiramente compostas de jovens, assim como à participação de pessoas jovens em mobilizações que também envolveram outras categorias sociais. Começando pelo movimento estudantil dos anos 60 é possível traçar a participação juvenil em movimentos sociais através das formas ‘sub-culturais’ de ação coletiva nos anos 70 como os punks, os movimentos de ocupação de imóveis, os centros sociais juvenis em diferentes países europeus, através do papel central da juventude nas mobilizações pacifistas e ambientais dos anos 80, através de ondas curtas mas intensas de mobilização de estudantes secundaristas dos anos 80 e começo dos 90 (na França, Espanha e Itália, por exemplo) e, finalmente, através das mobilizações cívicas nos anos 90 como o anti-racismo no norte da Europa, França e Alemanha ou o movimento da anti-máfia na Itália. Todas estas formas de ação envolvem pessoas jovens como atores centrais; mesmo se apresentam diferenças históricas e geográficas com o passar das décadas, elas dividem características comuns que indicam um padrão emergente de movimentos sociais em sociedades complexas, pós-modernas. Nesses sistemas cada vez mais baseados em informação, a ação coletiva particularmente aquela que envolve os jovens oferece outros códigos simbólicos ao resto da sociedade — códigos que subvertem a lógica dos códigos dominantes. É possível identificar três modelos de ação comunicativa:

a) Profecia: portadora da mensagem de que o possível já é real na experiência direta dos que o proclamam. A batalha pela mudança já está encarnada na vida e estrutura do grupo. A profecia é um exemplo notável da contradição a que me referi. Profetas sempre falam em nome de terceiros, mas não podem deixar de apresentar-se a si mesmos como modelo da mensagem que proclamam. Nesse sentido, como os movimentos juvenis se batem para subverter os códigos, eles difundem culturas e estilos de vida que penetram no mercado ou são institucionalizados.

b) Paradoxo: aqui a autoridade do código dominante revela-se através do seu exagero ou da sua inversão.

c) Representação: aqui a mensagem toma a forma de uma reprodução simbólica que separa os códigos de seus conteúdos os quais habitualmente os mascaram. Ela pode se combinar com as duas formas acima (movimentos contemporâneos de juventude fazem grande uso das formas de representação como o teatro, o vídeo, a mídia).

Nestes três casos, os movimentos funcionam para o resto da sociedade como um tipo específico de veículo, cuja função principal é revelar o que um sistema não expressa por si mesmo: o ângulo do silêncio, da violência, do poder arbitrário que os códigos dominantes sempre pressupõem. Movimentos são meios que se expressam através de ações. Não é que eles não falem palavras, que eles não usem slogans ou mandem mensagens. Mas sua função enquanto intermediários entre os dilemas do sistema e a vida diária das pessoas manifesta-se principalmente no que fazem: sua mensagem principal está no fato de existirem e agirem. Isto também significa afirmar que a solução para o problema relativo à estrutura do poder não é a única possível e mais do que isso, oculta os interesses específicos de um núcleo de poder arbitrário e opressor. Pelo que fazem e a maneira como fazem, os movimentos anunciam que outros caminhos estão abertos, que existe sempre outra saída para o dilema, que as necessidades dos indivíduos ou grupos não podem ser reduzidas à definição dada pelo poder. A ação dos movimentos como símbolo e como comunicação faz implodir a distinção entre o significado instrumental e expressivo da ação, posto que, nos movimentos contemporâneos, os resultados da ação e a experiência individual de novos códigos tendem a coincidir. E, também, porque a ação, em lugar de produzir resultados calculáveis, muda as regras da comunicação.

Novas redes

Movimentos juvenis tomam a forma de uma rede de diferentes grupos, dispersos, fragmentados, imersos na vida diária. Eles são um laboratório no qual novos modelos culturais, formas de relaciona-

mento, pontos de vista alternativos são testados e colocados em prática.

Estas redes emergem somente de modo esporádico em resposta a problemas específicos. Trata-se de uma mudança morfológica que nos força a redefinir as categorias analíticas de atores coletivos. Se os conflitos se expressam em termos de recursos simbólicos, os atores considerados não podem ser estáveis. Primeiramente, porque os meios através dos quais se criam e distribuem na sociedade possibilidades de identificação estão continuamente mudando e operando em campos variados. Segundo, os atores vivem as exigências contraditórias do sistema como fonte de conflitos, não o fazem durante a vida inteira e não estão permanentemente enraizados em uma categoria social única.

A hipótese de conflitos sistêmicos antagônicos pode se manter se preservamos a idéia de um campo sistêmico ou de um espaço no qual os atores podem variar. O campo é definido pelos problemas e diferentes os atores que o ocupam expõem para toda a sociedade questões relacionadas com o sistema na sua totalidade e não só com um grupo ou uma categoria social. Evidentemente, as formas empíricas de mobilização contêm, como vimos, numerosas dimensões. Mas através de certos aspectos da ação a juventude sinaliza um problema relacionado não somente com as suas próprias condições de vida mas também com os meios de produção e distribuição de recursos de significado. Os jovens se mobilizam para retomar o controle sobre suas próprias ações, exigindo o direito de definirem a si mesmos contra aos critérios de identificação impostos de fora, contra sistemas de regulação que penetram na área da “natureza interna”.

A maneira pela qual o conflito se manifesta, no entanto, não é a da ação “efetiva”. O desafio vem através da inversão de códigos culturais e é por isso eminentemente “formal”. Em sistemas onde os signos tornam-se intercambiáveis o poder reside nos códigos, nos ordenadores dos fluxos de informação.

A ação coletiva antagonista é uma “forma” que, pela sua própria existência, pela maneira como se estrutura, envia sua mensagem. Objetivos com cer-

teza existem, mas eles são esporádicos e até certo ponto substituíveis. Tais formas de ação exercem efeitos sobre instituições, modernizando seu pensamento e organização, formando as novas elites. Mas ao mesmo tempo, suscitam questões para as quais não há espaço. Enquanto nós aplicamos e executamos o que um poder anônimo decretou, os jovens perguntam para onde estamos indo e por quê. Sua voz é ouvida com dificuldade porque fala pelo particular.

A natureza precária da juventude coloca para a sociedade a questão do tempo. A juventude deixa de ser uma condição biológica e se torna uma definição simbólica. As pessoas não são jovens apenas pela idade, mas porque assumem culturalmente a característica juvenil através da mudança e da transitoriedade. Revela-se pelo modelo da condição juvenil um apelo mais geral: o direito de fazer retroceder o relógio da vida, tornando provisórias decisões profissionais e existenciais, para dispor de um tempo que não se pode medir somente em termos de objetivos instrumentais.

Se compararmos agora informações relativas a grupos de jovens em diferentes países europeus e as diferentes ondas de mobilização mencionadas acima não é difícil encontrar elementos deste sistema de ação. Os movimentos de jovens dividem-se entre o radicalismo político e a violência de alguns grupos extremistas (às vezes grupos de direita, às vezes revolucionários, anarquistas, etc) a expressiva marginalidade da contra-cultura, a tentativa de controlar uma parte das organizações políticas e de transformar grupos juvenis em agências para políticas juvenis e uma orientação conflituosa, que toma a forma de um desafio cultural aos códigos dominantes. Em um ambiente que favorece a “pobreza” de recursos internos (desemprego, desintegração social, imigração) este último componente não pode ser bem sucedido na combinação com outros e o “movimento” juvenil se divide. Evapora-se na pura exibição de signos (variedade de tribos metropolitanas) produz a profissionalização pelo mercado de recursos culturais inovadores e, de forma ainda mais trágica, declina na marginalidade das drogas, da doença mental, do desabrigo. Quando a demo-

cracia for capaz de garantir um espaço para que as vozes juvenis sejam ouvidas, a separação será menos provável e movimentos juvenis poderão tornar-se importantes atores na inovação política e social da sociedade contemporânea.

Referências bibliográficas

- ANATRELLA, T., (1988). *Interminables Adolescences*. Paris: Cerf.
- CAVALLI, Alessandro, (1985). *Il tempo dei giovani*. Bologna: Il Mulino
- COLEMAN, James C., (1987). *Working with troubled adolescents*. London: Academic Press.
- COPLEY, B., (1976). Brief work with adolescents and youth adults in a counselling service. *Journal of Child Psychotherapy*: 4, 2.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly, (1988). *Optimal experience: psychology studies of flow in consciousness*. New York: Cambridge University Press.
- _____, (1991). *Flow: the psychology of optimal experience*. New York: Harper.
- FABBRINI, Ana, MELUCCI, Alberto, (1991). *L'età dell'oro: adolescenti tra sogno ed esperienza*. Milano: Feltrinelli.
- HERBERT, M., (1987). *Living with teenagers*. Oxford: Blackwell.
- HOPKINS, J.R., (1983). *Adolescence: the transitional years*. New York: Academic Press.
- KETT, J. F., (1977). *Rites of passage: adolescence in America 1790 to the present*. New York: Basic Books.
- LAUFER, Moses, (1975). Preventive intervention in adolescence. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 30: 511-528.
- LAWTON, A., (1985). Youth counselling. *British Journal of Guidance and Counselling*, 13, 1.
- LEVINSON, Daniel J., (1978). *The seasons of man's life*. New York: Ballantine.
- MCCORMACK, M., (1985). *The generation gap: the view from both sides*. London: Constable.
- MELUCCI, Alberto, (1989). *Nomads of the present: social movements and individual needs in contemporary society*. Philadelphia: Temple University Press.
- _____, (1996a). *The playing self: person and meaning in the planetary society*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____, (1996b). *Challenging codes: collective action in the Information Age*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MEREDITH, P., (1986). *Adolescents: services d'aide et de conseil en matière de contraception et de planning familial*. Paris: IPPF Europe.
- MITTERAUER, Michael, (1986). *Sozialgeschichte der Jugend*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag.
- MONTAGNAR, H., (1983). *Les rythmes de l'enfant et de adolescent*. Paris: Stock.
- NOONAN, E, (1989). *Counselling young people*. London: Routledge.
- NUTTIN, Joseph, (1980). *Motivation et perspective d'avenir*. Louvain: Presses Universitaires.
- OFFER, Daniel et al, (1981). *The adolescent: a psychological self-portrait*. New York: Basic Books.
- _____, (1988). *The teenage world: adolescents' self-image in ten countries*. New York: Plenum Press.
- PALMONARI, Augusto et al, (1979). *Identità imperfette*. Bologna: Il Mulino.
- RICOLFI, Luca, SCIOLLA, Loredana., (1980). *Senza padri nè maestri*. Bari: De Donato.
- _____, (1990). *Vent'anni dopo*. Bologna: Il Mulino.
- RICCI BITTI, Pio E. et al, (1985). *Vivere e progettare il tempo*. Milano: Angeli.
- RUTTER, Michael, (1980). *Changing youth in a changing society*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- SAVIN WILLIAMS, R. C., (1987), *Adolescence: an theological perspective*. New York: Spinger Verlag.
- SCHAVE, D, (1989). *Early adolescence and the search for self*. New York: Praeger.
- SELVINI PALAZZOLI, Mara, (1984). *L'anoressia mentale: dalla terapia individuale alla terapia mentale*. Milano: Feltrinelli.
- TROMMSDORFF, G. et al, (1979). A longitudinal study of adolescents future orientation. *Journal of Youth and Adolescence*, 8.
- VAN GENNEP, Arnold, (1981). *I riti di passaggio*. Torino: Boringhieri.
- ZIEHE, Thomas, (1991). *Zeit vergleiche: jugend in kulturelle modernisierung*. Frankfurt: Juventa Verlag.